



## **A influência da comunicação no processo de reconstrução da etnicidade por meio da relação entre visitantes e visitados<sup>1</sup>**

Rafael José dos SANTOS<sup>2</sup>

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Rita Lourdes MICHELIN<sup>3</sup>

Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai

Susana de Araújo GASTAL<sup>4</sup>

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, RS

### **Resumo**

O presente artigo parte de pesquisa realizada no roteiro Caminhos de Pedra<sup>5</sup>, em Bento Gonçalves/RS, buscando descrever as formas de comunicação presentes na relação entre visitantes e visitados, naquela arena turística. Para tal, utilizou-se como metodologia a etnografia com observação participante, para analisar, a partir da visão dos moradores do roteiro, as relações entre esses e os visitantes, e assim compreender como a comunicação gerada por meio destas relações influencia no processo de reconstrução da identidade associada a etnicidade italiana ali presente. Os resultados encontrados indicam que esta relação é aprofundada quando o visitante chega sozinho e em condução própria, o que não se dá no caso de grupos.

**Palavras-chave:** Comunicação turística; identidade; etnicidade, Caminhos de Pedra/RS.

### **1 Introdução**

Sabe-se que a cultura é dinâmica, sofrendo constantes influências internas e externas, entre elas, o Turismo. Em especial nas arenas turísticas, o Turismo contribui no constante processo de reconstrução dos traços culturais de determinado grupo social. Dessa forma, busca-se no presente artigo realizar uma análise desse processo de reconstrução através da comunicação, gerado na relação entre visitantes e visitados. Considera-se as categorias *identidade* e *eticidade*, tomando como objeto de estudos o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na NP Comunicação Turismo e Hospitalidade, do VIII Nupecom - Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, e-mail: rafael@cipnet.com.br

<sup>3</sup> Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS, professora do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai. e-mail: rita.michelin@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, e-mail: sgastal@terra.com.br

<sup>5</sup> Refere a pesquisa de Rita L. Michelin, intitulada “A Reconstrução da Etnicidade na Arena Turística – O caso do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra – Bento Gonçalves – RS”, apresentada ao Mestrado em Turismo da UCS/RS.



Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, mais conhecido como Caminhos de Pedra, na Serra Gaúcha.

Com esse objetivo e categorias, realiza-se a análise da comunicação na relação entre visitantes e visitados no roteiro, utilizando-se para tal a etnografia e a observação participante, visando compreender de que forma o processo de reconstrução da etnicidade e da identidade vem ocorrendo e de que forma a comunicação influencia nesse processo.

Barretto (2007, p.67) lembra que “o turismo é uma atividade realizada pelo homem em sociedade. Como tal tem um importante grau de imprevisibilidade, por isso não se podem generalizar as relações entre visitantes e visitados nem prever como serão em determinado momento e lugar”. Sendo assim, o que ocorre em uma comunidade pode não ocorrer em outra, pois o Turismo e a relação existente entre os locais e os de fora, variaria caso a caso, impedindo generalizações. Assim, compreende-se melhor a importância do estudo das relações entre visitantes e visitados e a comunicação existente nessas relações.

Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, localiza-se a 115 km da capital Porto Alegre. Está a 618 metros de altitude, o que a leva a ostentar grande beleza cênica. A cidade tem sua história ligada à imigração italiana e a cultura da uva e do vinho, o que já nos anos 1950 atraía visitantes a seus parreirais e cantinas. Inicialmente denominada como Dona Isabel, em homenagem à filha de D. Pedro II, após a queda do Império recebe o nome Bento Gonçalves, homenagem a um dos heróis da Revolução Farroupilha. Os imigrantes italianos chegam ao local a partir de 1875, ali construindo suas casas permanentes com materiais elaborados artesanalmente (pedras irregulares ou talhadas, tábuas serradas por eles mesmos).

Nos primórdios desta ocupação, houve grandes dificuldades, inerentes a ocupação de um território ainda dominado por matas virgens. Atualmente, Bento Gonçalves é um dos maiores pólos moveleiros do país, além da produção de vinhos e espumantes, e do enoturismo. Observa-se a preservação de uma *italianidade*, principalmente após o desenvolvimento do Turismo em outros pontos da Serra Gaúcha, como fator para construção de produtos turísticos locais. Contribuiu para manutenção desta *italianidade* o relativo isolamento da região, nos primeiros anos da colonização. Com a industrialização da região, houve período em que as marcas coloniais foram considerada motivo de vergonha, em especial para os moradores do interior do município. Atualmente, no processo de reconstrução da etnicidade, recupera-se a



*italianidade*, como constituinte da identidade cultural, buscando-se agregar valor a mesma através do Turismo.

## **2 Turismo e comunicação**

A comunicação está intrinsecamente ligada ao turismo através do relacionamento entre visitantes e visitados. De acordo com Barretto (2007), no período pós-II Guerra Mundial, o Turismo foi visto como dinamizador de desenvolvimento econômico, de intercâmbios culturais e do entendimento entre os povos. Ou seja, valorizava as relações entre turistas e moradores locais em suas trocas, “embora a relação entre visitantes e visitados tenha adquirido mais características de conflito a partir do surgimento do turismo de massas, a dificuldade no intercâmbio não parece ter sido diferente em formas anteriores de turismo” (BARRETTO, 2004, p.138). Esses conflitos, implícitos a presença do Turismo, levam ao interesse dos estudos antropológicos, pela questão. Para Burns (2002, p.132), essas relações “e o modo como são formadas e alteradas ao longo do tempo têm uma importância profunda para o estudo antropológico do turismo”. No turismo de massa, na sua subordinação aos cronogramas e horários, a comunicação entre visitantes e visitados seria ainda mais afetada, pois não haveria uma relação consistente entre ambos, somente breves contatos. Já quando a jornada turística é empreendida de forma mais individualizada, ocorreria uma relação mais consistente em termos de comunicação entre visitantes e visitados, podendo inclusive interferir nas representações e na reconstrução identitária de ambos. No corpo da pesquisa realizada, houve ênfase na etnicidade dos visitados.

A relação existente entre a comunidade local e os turistas “varia em cada caso, em função de uma série de circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis, o que obriga os investigadores a terem muito cuidado antes de generalizar” (BARRETTO, 2007, p.58), pois essa relação difere em função de diversos fatores, inclusive a visão que a comunidade local tem acerca dos turistas. Por esse motivo, acredita-se na necessidade de um estudo de caso no qual é possível interpretar e analisar a comunicação na relação entre visitantes e visitados e os resultados dessa.

Na atualidade, se pode dizer que a relação entre visitantes e visitados varia dentro de um amplo espectro, desde situações de contato zero até situações de intimidade dentro de casa ou da aldeia, desde situações de simpatia e criação de laços de amizade até situações de hostilidade (*ibid.*, p.81).



O Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra é composto por uma série de propriedades, cada uma com sua especificidade. Há restaurantes, ferrarias, casa de queijos e casas de massas, entre outros. A relação entre visitantes e visitados ocorre, nestes termos, de formas diferentes, dependendo da casa visitada. Em algumas casas, há um maior contato entre os moradores e os turistas do que em outras. Há casas atendidas pelos proprietários, mas há também aquelas em que o visitante tem contato apenas com funcionários, que por vezes nem residem na comunidade.

Segundo Wainberg (2003), trabalhando com a visão de Taylor (2001), tem-se que uma das grandes potencialidades da comunicação através do Turismo é que os sujeitos envolvidos estão em uma área de contato. Essa área é o “espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística” (GRÜNEWALD, 2004, p.05), podendo ser definida como *arena turística*. No caso, a arena do Roteiro Caminhos de Pedra.

A comunicação turística é sempre mediada por artefatos do outro. Nós vivemos num mundo que é materialmente heterogêneo. Sua exposição pelo nativo e o desejo do turista de vislumbrar tais acervos refletem o encontro de alteridades. Um encontro com diálogo constrangidos, limitados pela própria natureza desta indústria. Neste andar apressado, consomem-se marcas, imagens, significações empacotadas, narrativas agendadas por roteiros pré-moldados (WAINBERG, 2003, p.76).

Essa comunicação ocorre através das relações interpessoais favorecidas pelo Turismo, relações entre visitantes e visitados, nas quais a comunicação entre ambos pode influenciar no processo de reconstrução cultural e na representação dessa aos visitantes e para os próprios moradores locais.

Wainberg (2003, p.47) apresenta a segmentação proposta por Moscardo e Pearce (1999): “1. O grupo de turistas em alta conexão étnica; 2. O grupo de turistas passivos; 3. O grupo de turistas consumidores; 4. O grupo de turistas de baixo interesse étnico”. Essa segmentação representam as diferentes formas de relações que podem se dar entre turistas e moradores locais, iniciando com os turistas de alta conexão étnica, que têm maior interesse nos visitados, e finalizando com os turistas de baixo interesse étnico, que se revelam deslocados. O interesse por parte dos turistas varia de acordo com o desejo de conhecer e se envolver com a cultura do outro. Ainda segundo Wainberg (2003, p.47), “turismo é comunicação acima de tudo”, pois é feito por pessoas para pessoas sendo a comunicação a principal forma de interação entre os sujeitos. “Devemos por isso [...] elaborar uma boa teoria comunicacional do turismo para



compreender outras dimensões do tema, mesmo seus aspectos econômicos e sistêmicos mais amplos” (*Ibid.*, p.83). Neste caso, analisando a etnicidade dos moradores locais através da comunicação existente nas relações com os visitantes

Sendo assim, busca-se perceber a comunicação existente na relação entre moradores locais e turistas no Roteiro Caminhos de Pedra a fim de compreender o processo de reconstrução da etnicidade da comunidade local.

### **3 Etnicidade e identidade**

A natureza, a crença religiosa, os esportes, a herança cultural, a identidade e a etnicidade, dentre tantos outros, podem ser utilizados como atrativos pela atividade turística. Se uma das motivações do Turismo é a busca do exótico, do diferente, do outro, esse fato pode levar o visitado, segundo Grünewald (2004), a apresentar-se de acordo com a expectativa do visitante, demonstrando as diferenças e peculiaridades de sua etnicidade.

Dessa forma, a etnicidade está no contexto da identidade dos visitados. Esses buscariam os sinais diacríticos de sua identidade, reconstruindo-os e renovando-os de acordo com a demanda turística e, assim, valorizando a sua etnicidade como um produto turístico. Segundo Barth (1998), a etnicidade se define nas fronteiras, ou seja, quando há o contato entre dois grupos diferenciados, as fronteiras desses definem a sua etnicidade. Dentro de um grupo o conteúdo, os traços culturais, podem se modificar, todavia a etnicidade continua a mesma, sendo percebida através dos sinais diacríticos das fronteiras.

De acordo com Grünewald (2004), Nelson Graburn percebe a etnicidade como a construção identitária em que se tem a comunicação como um dos acessos ao outro. Ainda interpretando esse autor, Grünewald (2004) afirma que uma identidade pode buscar renovar as tradições baseada em um período anterior de uma cultura, ou mesmo buscando traços culturais distintos. Para Graburn (*apud* GRÜNEWALD, 2004, p.02), símbolos identitários não precisam ser originais de uma cultura, eles podem ser trocados, emprestados e até roubados, fato esse que torna difícil a definição de traços totalmente originais de determinada cultura.

Seguindo essa linha de pensamento, a etnicidade derivaria da origem comum que gera vários traços culturais, formando, assim, uma identidade que passa a ser vivenciada como real, em determinado momento. Com o passar do tempo, novos traços culturais vão sendo absorvidos e esses passam a fazer parte dessa etnicidade, tornando-

se a herança cultural de um grupo. A etnicidade determina

[...] um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que existem, um parentesco ou uma estranheza de origem (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.38).

É então essa relação de alteridade entre os visitantes e visitados que faz com que os moradores locais do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra passem a valorizar a sua etnicidade, tornando-a um atrativo turístico, buscando reconstruí-la ou renová-la. Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.124) “a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas”. Ou seja, é através das diferenças culturais e do contato com o outro que a etnicidade se evidencia. Quando há uma comunicação entre diferentes culturas, a identidade étnica se define.

Durante a pesquisa de campo observou-se um fato interessante acerca da comunicação entre visitantes e visitados. A dona de uma das casas do roteiro contou que um turista dos Estados Unidos, que tem parentes em Porto Alegre, mas que falava apenas em inglês, visitou o roteiro e. Este fato resultou na seguinte interpretação e atitude por parte da moradora:

*Ele não falava nada de brasileiro, até comentei com a minha filha em italiano “bom, se é pra começar a falar em outra língua vamos falar no dialeto” aí comecei a falar com ela no dialeto ele só olhou assim, daí não entendeu nada. Daí ele pensou, nossa essa aí é italiana mesmo daqui (Entrevistada A, 3ª geração, moradora do Distrito de São Pedro).*

Dessa forma percebe-se como a comunicação é importante no turismo para que haja uma relação entre os turistas e a comunidade local e como as diferenças reforçam a etnicidade e a identidade cultural dos grupos sociais. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.129), a etnicidade representa não apenas uma cultura pronta, mas sim os traços culturais de identificação de um grupo étnico.

Seguindo o embasamento apresentado por Poutignat e Streiff-Fenart acerca da etnicidade, tem-se que essa é dinâmica, estando em constante construção. Já para Santos e Barretto (2006), esse fenômeno era conhecido como aculturação, no qual os



traços culturais de outros grupos eram absorvidos por determinado grupo. Atualmente, trabalha-se com a idéia de hibridismo, uma vez que, quando uma cultura absorve traços de outra cultura, nenhuma deixa de existir, mas continua sendo percebida como cultura, na qual esse novo traço cultural passa a ser característico dela. No termo hibridismo fica implícita “uma concepção dinâmica e processual de cultura, já não mais concebida como sistema fechado” (SANTOS e BARRETTO, 2006, p.246).

O processo de seleção dos traços culturais da etnicidade que irão se tornar mais característicos de um grupo pode ocorrer objetivando a interação com o turismo: “trata-se de uma ‘eticidade-para-turismo’ na qual culturas exóticas figuram como atração chave, na qual os nativos se esforçam ‘para satisfazerem a demanda turística ou para fazer-se-nativo-para-turista’” (MACCANNEL *apud* GRÜNEWALD, 2004, p. 03) e nestes termos, “o turismo promove a restauração, preservação e a recriação de atributos étnicos” (*ibid*, p.03).

Através do turismo a reconstrução da etnicidade não é necessariamente negativa, pois contribui para restaurar traços culturais que estariam se perdendo. Essa reconstrução contribui para a valorização da etnicidade e da identidade de um grupo. No entanto, essas não seriam reconstruídas da mesma forma que ocorreria em gerações passadas, pois há uma transformação, um contato com outras culturas e a absorção de traços diferenciados, formando assim determinada etnicidade que não deixa de ser original, mas também não se trata de uma etnicidade totalmente nova (GRÜNEWALD, 2004).

No caso estudado, do Roteiro Caminhos de Pedra, muitos traços culturais “italianos” foram se alterando com o passar do tempo. Entretanto, isso não significa que os descendentes dos imigrantes italianos perderam a sua etnicidade. Mesmo absorvendo outros traços culturais, mantêm traços étnicos particulares. De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (1998), esse traços são responsáveis pela identificação das pessoas e dessa forma tornam-se “étnicos”.

A identidade de um grupo é “realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2004, p.38). Essa se forma pela comunicação com diferentes grupos e pela absorção de traços culturais diferenciados, sendo assim dinâmica e estando em constante reconstrução/ reformulação.

O Turismo, na medida em que supõe contato, pode levar as diferenças culturais a se tornarem um atrativo. Em uma arena turística “há etnicidade aí e a identidade étnica



construída nesse palco também é legítima e autêntica na medida em que autênticos e legítimos são os turismos nesses espaços sociais” (GRÜNEWALD, 2004, p.05). Essa noção de arena turística, apresentada por Grunewald pode ser aplicada ao Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra da seguinte forma: sujeitos de *comunidades étnicas* inserem-se nas atividades turísticas, juntamente com outros membros, dando origem a uma *comunidade turística*; as fronteiras desta comunidade podem ter a mesma amplitude da arena turística, que é o local no qual é desenvolvida a experiência turística. Então, os membros da comunidade turística, que são os envolvidos no turismo juntamente com os demais da comunidade étnica, formam uma *comunidade etnoturística*.

Dessa forma, o Distrito de São Pedro, juntamente com as comunidades de Santo Antônio e Santo Antoninho, formam uma comunidade etnoturística na qual os membros que se inserem na atividade turística podem ser considerados membros de uma comunidade étnica, e o roteiro, que é o espaço no qual há a interação gerada pelo turismo, como a arena turística.

#### **4 Os Caminhos de Pedra**

O Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra está localizado no interior do município de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, local de imigração italiana e que ainda mantém fortes traços dessa cultura. Na década de 1970, com a construção da rodovia RS 453, ligando os municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha e Caxias do Sul, o fluxo que antes passava pela Estrada Julio de Castilhos foi desviado para a RS 453, pois esta é asfaltada, diferentemente daquela que é de chão batido. Para os moradores do Distrito de São Pedro, na Linha Palmeiro, ao longo da Estrada Julio de Castilhos, a construção da RS 453 não foi bem vista, pois com o desvio do fluxo houve uma baixa na renda dos moradores, principalmente dos que trabalhavam para os viajantes em *casas de pasto*<sup>6</sup> ou armazéns ao longo da estrada. Então, sem os viajantes, os moradores da Linha Palmeiro acabaram ficando em relativo isolamento, mantendo casas antigas e certos costumes da vida na zona rural.

No final da década de 1980, deu-se início a um levantamento do acervo arquitetônico do interior do município de Bento Gonçalves. Através desse levantamento, realizado em 1987, constatou-se que o Distrito de São Pedro era o que

---

<sup>6</sup> Casas de pasto eram as casas nas quais os viajantes paravam com seus animais para passar a noite. No porão da casa ficavam as instalações com o pasto para os cavalos.





possuía o maior número de casas antigas que ainda conservavam traços da cultura e da história dos imigrantes italianos, além de ser local de fácil acesso. A partir desse levantamento, deu-se início a elaboração do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, que teve por objetivo o resgate da herança cultural dos moradores da Linha Palmeiro, no Distrito de São Pedro.

De acordo com a Associação dos Caminhos de Pedra, juntando esses fatores percebeu-se o potencial turístico da localidade e a necessidade de preservar tamanho acervo material para que não fosse abandonado ou destruído. Sendo assim, a partir do início da década de 1990, tendo como idealizadores um engenheiro e um arquiteto, o projeto volta-se ao Turismo como uma alternativa para manter o patrimônio cultural material e reconstruir a herança cultural dos moradores locais.

Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, os moradores do Distrito de São Pedro foram incentivados a reconstruir sua identidade, valorizando alguns traços de suas tradições que estavam se perdendo, com objetivo de compartilhá-los com os visitantes. As casas ainda mantêm algumas características, originais ou recuperadas, das construídas pelos imigrantes italianos. Na sua grande maioria, são casas de pedra ou então com o porão de pedra e o restante da casa em madeira, característica típica das construções dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Antes da implementação do projeto, algumas casas estavam se degradando e sendo descaracterizadas. Algumas tiveram suas pedras rebocadas, pois ter uma casa de pedra era sinônimo de vergonha e de estar parado no tempo, segundo os moradores. Por meio de recursos recebidos do projeto, o reboco foi retirado e as casas restauradas, retomando assim as suas características básicas originais para serem abertas à visitação.

Esse roteiro recebe uma visitação média anual de 50.000 turistas<sup>7</sup>. Atualmente o roteiro conta com 10 pontos de visitação e 52 pontos de observação externa. Os atuais estabelecimentos de visitação são: Casa dos Doces Predebon; Restaurante Nona Ludia – Casa Bertarello; Il Cantuccio Del Pomodoro e Della Gasosa (Casa do Tomate); Atelier Bez Batti – Casa Gilmar Cantelli; Casa da Ovelha / Hotel Cavalet; Casa do Artesanato; Casa Vanni - Restaurante e Tecelagem; Cantina e Casa Strapazzon; Cantina de Vinhos Finos Salvati & Sirena e a Casa da Erva-Mate.

As casas do roteiro comercializam produtos elaborados nos próprios estabelecimentos, sendo alguns característicos de cada casa, e também produtos de

---

<sup>7</sup> Dados fornecidos pela Associação Caminhos de Pedra. Referente ao ano de 2005.



outros moradores da comunidade, mas que não estão ligados diretamente à atividade turística. Os grupos formam, assim, uma comunidade etnoturística. Conforme apresentado anteriormente, de acordo com Grunewald (2004) a comunidade etnoturística é a união dos membros da comunidade turística (envolvidos diretamente com o turismo) e os membros da comunidade étnica (indiretamente ligados ao turismo).

O que é apresentado no Projeto Cultural Caminhos de Pedra é que esse busca, através do resgate da herança cultural, também a reconstrução daquela italianidade dos descendentes que estava se perdendo com o tempo, tendo o turismo como um meio para auxiliar nesse processo.

## 5 Etnografia

Objetivando identificar de que forma a comunicação entre os visitantes e os visitados influencia no processo de reconstrução da etnicidade e identidade cultural na arena turística do Roteiro Caminhos de Pedra utilizou-se o método etnográfico. Este surge com a Antropologia Moderna onde “os pesquisadores deixam de priorizar as informações indiretas, fornecidas por colonizadores, viajantes e missionários, para transformar a tarefa de coleta de dados em parte integrante de sua pesquisa” (SANTOS, 2005, p. 37). A pesquisa etnográfica passa a existir pela necessidade dos pesquisadores antropólogos saírem de seus gabinetes, buscando coletar pessoalmente as informações necessárias das sociedades estudadas, inserindo-se nessas e não apenas observando superficialmente (LAPLANTINE 2005).

Segundo Goldenberg (1999) são os trabalhos de dois antropólogos – Franz Boas e Bronislaw Malinowski – que consagram a idéia de o pesquisador “passar um longo período de tempo na sociedade que estão estudando para encontrar e interpretar seus próprios dados, em vez de depender dos relatos dos viajantes, como faziam os ‘antropólogos de gabinete’” (*Ibid*, p.20-21).

Na etnografia, o pesquisador deve buscar compreender o indivíduo dentro da sua sociedade e do seu ponto de vista. A etnografia trata do mapeamento da cultura, por esse motivo “no campo *tudo* deveria ser anotado meticulosamente e que um costume só tem significado se estiver relacionado ao seu contexto particular” (GOLDENBERG, 1999, p. 21). Segundo Laplantine (1999, p. 156) “no campo *tudo* deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar”. Então para realizar esse mapeamento é preciso se inserir na sociedade estudada e lá observar tudo o que acontece, buscando os significados a partir da visão



do pesquisado.

Malinowski (1978), no trabalho de campo, sugere três questões que ele buscou responder através do convívio com o outro, registrado em diários de campo e buscando compreender sempre o ponto de vista dos sujeitos. As questões são: o que os nativos dizem do que fazem? O que realmente fazem? O que pensam a respeito do que fazem? No trabalho de campo Malinowski colocou em prática a observação participante

[...] nesse tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo. Ele pode tomar parte nos jogos dos nativos, acompanhá-los em suas visitas e passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas (MALINOWSKI, 1978, p.31).

Na observação participante, que faz parte da etnografia, o pesquisador deve se inserir no cotidiano da comunidade pesquisada em uma estada de longa duração, mergulhando na cultura nativa: “o ‘estar lá’ implica o estabelecimento de uma relação com as pessoas das comunidades ou grupos estudados, exigindo do antropólogo, além dos procedimentos metodológicos, uma postura ética” (SANTOS, 2005, p.68). Sendo assim, o método etnográfico foi realizado com a comunidade do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, buscando compreender e interpretar, a comunicação existente na relação entre visitantes e visitados e como essa influência no processo de reconstrução da etnicidade italiana da população local. Buscando realizar a etnografia com maior eficiência um dos pesquisadores residiu no Distrito de São Pedro durante parte do período da pesquisa.

## **6 A comunicação entre visitantes e visitados**

Por meio da etnografia realizada com a população local é possível analisar a comunicação na relação entre visitantes e visitados no Roteiro Caminhos de Pedra, produto da observação participante em quatro das casas do roteiro, buscando, através dessa análise compreender a influência desse processo na reconstrução da etnicidade dos moradores do roteiro.

Logo nos primeiros dias, acompanhando todo o trabalho das famílias e a relação existente entre elas e os turistas, percebeu-se muitas nuances. No roteiro há dois tipos de visitantes: os excursionistas e os particulares. Os primeiros geralmente vêm acompanhados por guias e com horário agendado para a visita, já os segundos chegam a todo o momento de carro e a grande maioria vem sem pressa. Os visitantes



excursionistas têm o tempo de permanência controlado pelo guia, pois geralmente a visita ao Roteiro Caminhos de Pedra faz parte do passeio que inclui visita ao Vale dos Vinhedos ou passeio de Trem Maria Fumaça, ambos localizados no mesmo município de Bento Gonçalves. Esse fator influencia na relação entre os locais e os turistas, principalmente na comunicação resultante desse contato.

É visível a diferença na relação dos turistas excursionistas e dos turistas particulares com os moradores. Os excursionistas não demonstram muito interesse em aprender sobre o funcionamento da casa e a história da família. Buscam mais a compra de *souvenires* e, principalmente, tirar fotografias. De outro modo, os turistas particulares demonstram grande interesse a todo o conteúdo histórico que remete à etnicidade quando relatado pelos visitados. Este tipo de turista, por não estar incluído em um grupo, tem mais tempo disponível e por este motivo conversa mais com os moradores locais: pergunta, contesta, conta histórias, interage com o visitado muito mais que o turista de excursão.

Os visitantes que vêm de fora, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e da Região Nordeste do Brasil, são os que mais se interessam em conhecer a história cultural do roteiro, sempre interagem mais com os moradores locais conversando e trocando idéias. Já os turistas vindos de outras regiões do Rio Grande do Sul, talvez por já terem um maior conhecimento acerca da cultura italiana, parecem se interessar um pouco menos. Contudo, vale lembrar que essa foi a percepção geral, da maioria, mas sempre tem aqueles de outros Estados que não se interessam e os visitantes do Rio Grande do Sul que se interessam em saber mais sobre a italianidade local.

Através do contato com os visitantes os moradores locais sentem orgulho de sua etnicidade e procuram reiterar sua identidade baseada nos traços culturais dos imigrantes italianos. Isso ocorre pelo fato de os visitantes percorrerem o roteiro esperando encontrar sinais dessa identidade: alguns já chegam às casas falando o dialeto *talian*, como se esse fosse falado constantemente ali, a exemplo do que ocorria com os primeiros imigrantes.

Percebe-se que a comunicação resultante das relações entre visitantes e visitados no Roteiro Caminhos de Pedra contribui no processo de reconstrução da etnicidade quando os turistas contestam os moradores locais sobre a vida de seus antepassados, questionam sobre como é a realidade local na atualidade. Por meio desse contato as diferenças entre as culturas se evidenciam contribuindo na reconstrução e manutenção dos traços identitários.



Na Casa da Erva-Mate, um dos pontos de visitação do Roteiro, presenciou-se inúmeros visitantes perguntando qual a ligação da erva-mate e do chimarrão com a cultura italiana. Diante desse questionamento, os visitados explicam que o chimarrão   heranç a da cultura indígena e da regional *gaúcha*, própria as áreas da Campanha e Fronteira, já presentes, quando os imigrantes italianos chegaram ao Estado. Nesta situação, aprenderam com aqueles o hábito de tomar o chimarrão, em especial porque a bebida   apropriada ao frio do inverno da região. Desta forma, o traço cultural foi absorvido, tornando-se parte da etnicidade que pode ser chamada de “ talo-gaúcha”.

Esse fato chama atenção para o hibridismo cultural, pois os descendentes de italianos continuam falando o dialeto *talian*, seguindo outros costumes dos imigrantes italianos e tomando chimarrão. Além dos traços culturais contemporâneos provenientes da globalização, via internet, telefone celular, e outras características gastron micas, estas passam a fazer parte da cultura dos moradores do Distrito de São Pedro. Sendo assim, ambos os traços culturais tornam-se parte da heranç a cultural do grupo e contribuem para a formação da identidade do mesmo.

## **7 Considera es finais**

Percebe-se como a comunicação, seja a interpessoal, seja aquela decorrente de meios de comunicação como celulares e internet, é importante no Turismo para que haja uma relação entre os turistas e a comunidade visitada. As diferenç as reforç am a etnicidade e a identidade cultural dos povos, conforme apresentado por Barth (1998) acerca das fronteiras únicas, nas quais os sinais diacríticos se destacam.

Antes da presenç a do Turismo no Distrito de São Pedro, os moradores tinham vergonha da sua etnicidade, associada ao “ser colono”. Quando começ aram os contatos com os visitantes de diferentes culturas e seus traços peculiares e diferenciados, passaram a valorizar e a buscar a reconstrução da etnicidade, própria ao grupo, que estava se perdendo, principalmente quando notaram a valorização das marcas que lhes são próprias, por parte dos turistas. Nesse ponto, então, o Turismo agrega valor   italianidade presente no local, passando a ser também um atrativo para os visitantes.

Através da análise da relação entre visitantes e visitados e da etnografia com observação participante junto aos locais, percebeu-se que no Roteiro Caminhos de Pedra a reconstrução da etnicidade está em um processo constante de reconstrução e manutenção. Esse processo ocorre principalmente pela demanda do Turismo, que tem nas heranç as culturais fatores de atratividade. Esses traços são dinâmicos, sofrem



influências externas, seja pela comunicação, seja pelo processo de modernização e transformação.

No Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra a vergonha pela herança cultural, foi influenciada pelo avanço da modernidade, que como seu discurso centrado no *novo*, incentivava o “esquecimento” das marcas locais. O Turismo, no caso estudado, mostrou-se como importante fator de estímulo a reconstrução da herança cultural local, ao valorizar a etnicidade e a identidade cultural associada às raízes coloniais associadas aos italianos. Os visitantes reconhecem esta herança como fator distintivo, e a valorizam. A comunicação entre a comunidade local e os turistas mostrou-se como um dos fator de influência no processo de reconstrução da etnicidade dos moradores da arena turística do Roteiro Caminhos de Pedra e atualmente contribui na manutenção dos traços étnicos da população local.

### **Referências bibliográficas**

BARRETTO, M. **Turismo y Cultura**: Relaciones, contradicciones y expectativas. El Sauzal (Tenerife. España): ACA Y PASOS, RTPC: 2007.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BONI, L; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**: Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Caxias do Sul: Editora Movimento, 1975.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRÜNEWALD, R. A. **Turismo, cultura e identidade étnica**. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda – PE. 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. Traduzido por: Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Traduzido por: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.



POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SANTOS, R. J. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, R. J. e BARRETTO, M. Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Hibridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. *In: Turismo Em Análise*. Vol.17. n.2. p 244-261. São Paulo: Aleph. 2006.

WAINBERG, J. A. **Turismo e comunicação**: a indústria da diferença. São Paulo: Contexto, 2003.